

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Autonomia-conectada e Cultura: Estudo Comparativo entre portugueses nativos e imigrantes brasileiros, ingleses e ucranianos em Portugal

Laurence dos Santos Marto

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia das Relações Interculturais

Orientadora:

Professora Doutora Carla Moleiro

Professora Auxiliar do Departamento de Psicologia Social e das Organizações

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2016

**Agradecimentos**

À minha orientadora, Professora Doutora Carla Moleiro, agradeço pela sua capacidade de compreensão, tão necessária ao longo deste período e sobretudo por acreditar neste estudo, mas também em mim.

Aos participantes, agradeço pela sua disponibilidade em colaborarem no presente estudo e que, sem o vosso contributo, nada disto seria possível.

Aos docentes do Mestrado em Psicologia das Relações Interculturais, agradeço pela vossa partilha de experiências e conhecimentos.

À Bárbara Duque, agradeço por me ter recebido de braços abertos no Projeto Mentores para Imigrantes do Alto Comissariado para as Migrações (ACM, I.P.), onde realizei o estágio curricular.

À Cláudia Simões, Hugo Aparício, Francisco Fernandes e Filipa Silva, agradeço pela amizade e por todo o apoio dado durante esta etapa.

Ao meu companheiro, David Ochoa, agradeço pela amizade, otimismo, suporte afetivo e confiança na minha pessoa.

Aos meus pais, José Marto e Anabela dos Santos, que sem eles nada disto seria possível de se concretizar, agradeço pelo apoio e conforto que sempre me ofereceram, mesmo nos momentos mais difíceis.

# **Resumo**

O presente trabalho centra-se num constructo recente de traço da personalidade, a autonomia-conectada. A autonomia-conectada consiste na capacidade de pensar e de agir de forma independente e de iniciar e manter relações íntimas com os outros. Foi realizado um estudo (N=121) que teve como objetivo analisar e comparar quatro grupos culturais diferentes, nomeadamente portugueses nativos e imigrantes brasileiros, ingleses e ucranianos residentes em Portugal, nas diferentes componentes da autonomia-conectada (Autoconsciência, SA; Sensibilidade para os outros, SO; e Capacidade para gerir novas situações; CMNS) utilizando a Escala de Autonomia-conectada. Os principais resultados demonstraram que existem diferenças significativas entre os sexos e os diferentes países estudados em Sensibilidade para os outros. O segundo objetivo pretendia averiguar a relação entre autonomia-conectada e aculturação nos imigrantes brasileiros, ingleses e ucranianos aplicando o Índice de Aculturação de Vancouver. Os resultados revelaram que, para os imigrantes brasileiros e ucranianos, a ligação à cultura de origem está associada a maior Sensibilidade para os outros, mas a menor Capacidade para gerir novas situações e Autoconsciência. No caso dos ingleses a ligação à cultura de origem está associada a menor Sensibilidade para os outros, mas a maior Capacidade para gerir novas situações e Autoconsciência. O estudo contribuiu para o enriquecimento do enquadramento teórico do constructo à luz das perspetivas interculturais.

Palavras-chave: Autonomia-conectada; Dimensões Culturais; Cultura; Personalidade

Códigos PsycINFO:

**2223** Personality Scales and Inventories

**2930** Culture & Ethnology

# **Abstract**

The present study focuses on a recent personality trait construct, Autonomy-connectedness. Autonomy-connectedness is the need and the ability the individual has to trust himself/herself and to be independent, as well as the need and the capacity for intimacy and satisfying intimate relationships. The present study (N=121) aimed to examine and compare four different cultural groups, namely Portuguese natives as well as Brazilians, English and Ukrainians immigrants residing in Portugal, on the different autonomy-connectedness components (Self-Awareness: SA; Sensitivity to Others: SO; and Capacity for Managing New Situations: CMNS). The participants completed the Autonomy-Connectedness-Scale. The results show significant differences between sex and the cultural groups on Sensitivity to Others. This study was also aimed at investigating the relationship between autonomy-connectedness and acculturation in Brazilians, English and Ukrainians immigrants, using the Vancouver Index of Acculturation. The results show that adherence to the heritage culture, for the Brazilians and Ukrainians immigrants, appeared to contribute positively to Sensitivity to others and negatively to Capacity to manage new situations and Self-awareness. It was not case with the English immigrants, who scored positively to Capacity to manage new situations and Self-awareness and negatively to Sensitivity to Others. This study is a contribute to the theoretical framework of the concept of autonomy-connectedness in light of cross-cultural perspectives.

Keywords: Autonomy-Connectedness; Cultural Dimensions; Culture; Personality

PsycINFO Classification Categories:

**2223** Personality Scales and Inventories

**2930** Culture & Ethnology

**Índice**

[**Resumo** ii](#_Toc469574256)

[**Abstract** iii](#_Toc469574257)

[**Introdução** 1](#_Toc469574258)

[**Capítulo I - Enquadramento teórico** 2](#_Toc469574259)

[**1.1. Do conceito de autonomia a autonomia-conectada** 2](#_Toc469574260)

[**1.2.** **Autonomia-conectada e as diferenças entre sexos** 3](#_Toc469574261)

[**1.3. Autonomia-conectada eos *Big Five*** 4](#_Toc469574262)

[**1.4. Autonomia-conectada e as dimensões culturais de Hofstede** 4](#_Toc469574263)

[**1.5. Autonomia-conectada e a aculturação** 6](#_Toc469574264)

[**1.6. Definição do problema e dos objetivos do estudo** 7](#_Toc469574265)

[**Capítulo II – Método** 11](#_Toc469574266)

[**2.1. Participantes** 11](#_Toc469574267)

[**2.2. Procedimentos e Instrumentos** 12](#_Toc469574268)

[**Capítulo III – Resultados** 15](#_Toc469574269)

[**Capítulo IV – Discussão e conclusão** 20](#_Toc469574270)

[**Anexos** 26](#_Toc469574271)

**Índice de Tabelas**

[Tabela 1 Médias e Desvios-padrão das Dimensões de Autonomia-conectada (SA, SO, CMNS) para cada País e Sexo 15](#_Toc469574292)

[Tabela 2 Frequências, Médias e Desvios-padrão do Tempo de Residência e do Índice de Aculturação (Mainstream e Herança) por Grupos de Imigrantes 16](#_Toc469574293)

**Índice de Figuras**

[Figura 1 Dimensões Culturais de Hofstede de Portugal, Brasil, Inglaterra e Ucrânia 9](#_Toc468635687)

[Figura 2 Subescalas Autonomia-conectada e Dimensões Culturais de Hofstede 10](#_Toc468635688)

[Figura 3 Interação entre País de Origem e Tempo de Residência na Subescala CMNS 17](#_Toc468635689)

[Figura 4 Interação entre País de Origem e Tempo de Residência na Subescala SA 18](#_Toc468635690)

# **Introdução**

A presente investigação foca-se num constructo recente associado à personalidade, designado por autonomia-conectada e desenvolvido por Bekker (1993), que pretende refletir uma noção de autonomia mais sensível em termos de sexos e aspetos culturais. Entende-se por autonomia-conectada, a necessidade e capacidade para a independência, para a intimidade e relacionamentos íntimos (e.g., Bekker, 1993; Hmel & Pincus 2002; Bekker & van Assen, 2006) mas cujo entendimento varia entre culturas e grupos étnicos existentes na mesma sociedade (Bekker, 1993). Este estudo contribui para o enriquecimento do enquadramento teórico do constructo à luz de perspetivas interculturais na realidade portuguesa.

O primeiro capítulo foca-se no enquadramento teórico do conceito de autonomia conectada e nos estudos baseados nesse constructo bem como outros conceitos relacionados com a psicologia *cross-cultural*. Os objetivos e as hipóteses de investigação são apresentados no fim desse capítulo.

O segundo capítulo descreve o estudo realizado junto dos nativos portugueses e dos imigrantes, e mais especificamente, a metodologia, a análise descritiva dos participantes, os procedimentos, e a descrição dos instrumentos (Escala de autonomia-conectada; ACS-30 & Índice de Aculturação de Vancouver; VIA). Recolhidos os dados, estes foram inseridos numa base de dados e tratados através do programa SPSS, sendo apresentados os resultados desta análise no terceiro capítulo. Por fim, o último capítulo foca-se na discussão geral e conclusões do estudo.

# **Capítulo I - Enquadramento teórico**

## **1.1. Do conceito de autonomia a autonomia-conectada**

A autonomia é um conceito tão antigo como abrangente. A génese da palavra vem da junção dos termos gregos *auto*, de “próprio*”* e *nomos* que significa “lei” (Mogilka, 1999). Ou seja, poder-se ia deduzir que o individuo autónomo é aquele que “faz as suas próprias leis”. No entanto, o termo é muito mais complexo do que esta primeira abordagem possa sugerir.

Na Psicologia o conceito de autonomia surge inicialmente com Erikson (1974), Mahler, Pine e Bergman (1975) e Kohlberg (1984) e baseava-se na separação, independência e autoconsciência do individuo.

Na teoria de desenvolvimento psicossocial de Erikson (1974) a autonomia é representada no segundo estádio de desenvolvimento “Autonomia vs. Dúvida e Vergonha”. O conflito surge porque a criança quer controlar a retenção e a eliminação das fezes e é resolvido quando a criança se apercebe do prazer que o controlo esfincteriano acarreta. A criança desenvolve assim autonomia, confiança e liberdade para experimentar coisas novas. Se, no entanto, for criticada ou ridicularizada, ela desenvolverá vergonha e dúvida quanto à sua capacidade de ser autónoma, provocando um regresso ao estádio anterior, ou seja, a dependência.

Para Mahler, Pine e Bergman (1975) a autonomia é a ultima etapa do processo de separação-individuação. A separação-individuação são considerados dois processos estruturais diferentes e complementares (Mahler et al., 2002). A separação significa a saída da criança da fusão simbiótica com a mãe (sentimento de ser um indivíduo separado) e a individuação indica a evolução da autonomia psíquica, com a criança assumindo suas características individuais.

Na teoria de desenvolvimento moral de Kohlberg (1984) a autonomia é atingida no último nível (Pós-convencional). O individuo autónomo é aquele que possui a capacidade de expressar as próprias opiniões e princípios morais em vez de se conformar com as opiniões e princípios dos que o rodeiam.

Na teoria de autodeterminação, Ryan e Deci (2000) explicam que o conceito de autonomia significa agir de acordo consigo próprio. Referem também que ações autónomas são aquelas que foram tomadas livremente, autorreguladas por vontade própria, ou seja, a regulação pela escolha é caracterizada pela flexibilidade e pela ausência de pressão (Ryan & Deci, 2000).

Porém estes conceitos de autonomia apenas consideram uma parte da condição humana adulta, ou seja, a capacidade de pensar e de agir de forma independente negligenciando a capacidade de iniciar e manter relações íntimas com os outros.

Segundo Bekker (1993), a cultura é uma das razões que torna tão complexa a conceptualização de autonomia. A autonomia deve ser interpretada consoante o contexto cultural em que se insere. Triandis e Suh (2002) também referem que cultura influencia o desenvolvimento de traços de personalidade, tal como autonomia.

Bekker (1993) desenvolve um novo constructo de autonomia, chamado de autonomia-conectada, que é a capacidade de pensar e de agir de forma independente e de iniciar e manter relações íntimas com os outros. Segundo Moleiro, Ratinho & Bernardes (2017) a autonomia-conectada reflete uma autonomia mais sensível à cultura e entre sexos em vez de uma definição baseada no individualismo e na masculinidade. Existem três dimensões associadas à autonomia-conectada: a dimensão Autoconsciência (SA) que representa a consciencialização das suas próprias opiniões, desejos e necessidades, bem como a capacidade em expressá-las durante as interações sociais; a dimensão Sensibilidade para os outros (SO) engloba a sensibilidade perante as opiniões, desejos e necessidades dos outros, a empatia e a capacidade e necessidade de intimidade e separação; e a dimensão Capacidade para gerir novas situações (CMNS) reflete sobre o sentimento de (des)conforto ou a (in)segurança que as pessoas sentem perante novas situações e a dependência nas estruturas familiares.

## **1.2.** **Autonomia-conectada e as diferenças entre sexos**

Bekker e van Assen (2008) investigaram as diferenças entre sexos na autonomia-conectada, junto de utentes de cuidados primários de saúde mental e de estudantes de psicologia na Holanda, e concluíram que a Sensibilidade perante os outros é uma característica de personalidade que distingue homens e mulheres. Tal como em estudos anteriores (e.g., Bekker, 1993; Bekker et al., 2001; Bekker & van Assen, 2006; Bekker & Belt, 2006; Bekker et al*.*, 2007), voltou-se a confirmar a existência de diferenças entre sexos. As mulheres apresentaram maior Sensibilidade perante os outros do que os homens, enquanto os homens apresentaram resultados mais elevados nas subescalas Autoconsciência e Capacidade para gerir novas situações. Variáveis, como o estatuto socioeconómico e a educação, foram associadas, de forma positiva, com as dimensões Autoconsciência e Capacidade para gerir novas situações. Mas também foram associadas às diferenças entre sexos, em que os homens apresentaram uma maior pontuação.

No estudo de Moleiro, Ratinho e Bernardes (2017) as mulheres portuguesas registaram valores mais elevados em Sensibilidade perante os outros do que os homens portugueses.

## **1.3.** **Autonomia-conectada eos *Big Five***

O modelo *Big Five* é um dos modelos mais importantes, senão o mais importante, para a explicação da personalidade humana em Psicologia (Costa & McCrae, 1992). As dimensões da personalidade são: a Abertura à experiência; a Conscienciosidade; a Extroversão; a Amabilidade; e o Neuroticismo. O indivíduo é avaliado de acordo com o grau que exibe em cada uma destas dimensões (Schaik et al., 2007).

Bekker e van Assen (2009) realizaram um estudo, junto de estudantes holandeses, que pretendia averiguar a relação entre as subescalas das autonomia-conectada e os fatores de personalidade do modelo Big Five*.* Também avaliaram se os fatores de personalidade podiam explicar as diferenças entre sexos na autonomia-conectada. Os resultados demonstraram que a autonomia-conectada é relativamente independente dos cinco fatores de personalidade e que é considerada uma característica de personalidade completamente distinta daquelas acima mencionadas.

## **1.4. Autonomia-conectada e as dimensões culturais de Hofstede**

Entende-se por “cultura” um sistema de crenças e valores que influenciam os costumes, as normas, as práticas e as instituições sociais, incluindo os processos psicológicos (idioma, meios de comunicação, sistemas educativos) e organizações (Fiske, Kitayama, Markus & Nisbett, 1998).

Segundo Kroeber & Kluckhohn (citados por Adler, 1997) a cultura é um sistema abrangente de significados, símbolos, valores e pressupostos, sobre o que é certo ou errado, legítimo ou ilegítimo, que sustenta as práticas e normas de sociedade, assim como justifica e orienta as formas de funcionamento das instituições sociais.

Baseando-se nesse conceito de cultura, Hofstede (1980) definiu quatro dimensões culturais, cujas dimensões poderiam ser usadas para diferenciar sociedades. As dimensões culturais inicialmente estabelecidas foram: a Distância do poder; a Aversão à incerteza; o Individualismo vs. Coletivismo; e a Masculinidade vs. Feminilidade. Posteriormente, ainda foram acrescentadas mais duas dimensões, Orientação em longo prazo e Complacência vs. Repressão (Hofstede, 2011).

A dimensão Individualismo vs. Coletivismo representa o grau de interdependência entre os membros de uma sociedade. O Individualismo ou independência foca-se nos interesses, escolhas e decisões do “Eu”, enquanto que o Coletivismo ou interdependência, o foco está em “Nós” e na lealdade (Hofstede, 2011). Hofstede e McCrae (2004) salientam a importância de o indivíduo encontrar um equilíbrio entre as suas necessidades e as do grupo, argumentando que a independência e a interdependência existem como duas dimensões unipolares. Mas para que tal aconteça, há que ter em conta fatores como a influência da cultura no indivíduo, mas também, da sua personalidade e das suas experiências interpessoais.

A dimensão Masculinidade vs. Feminidade entende que, nas culturas masculinas, as pessoas são impulsionadas pela competição e pelos resultados. As pessoas tendem a ser assertivas e centradas no materialismo. Numa cultura mais feminina as pessoas estão focadas em construir boas relações e garantir uma melhor qualidade de vida para todos (Hofstede, 2011).

Segundo Hofstede (2011) a dimensão Aversão à incerteza representa o grau de ameaça percebido por membros de uma sociedade perante situações incertas ou desconhecidas. Nas culturas com alta Aversão à incerteza existe necessidade de criar segurança, evitar riscos e baixa tolerância à incerteza. Nas culturas com baixa Aversão à incerteza, aceita-se mais facilmente riscos pessoais e tem-se maior tolerância em relação a ideias diferentes e iniciativa individual sendo-se mais pragmático.

Triandis e Suh (2002) afirmaram que a cultura influencia o desenvolvimento de traços de personalidade. A autonomia-conectada, que é um traço de personalidade, também pode variar através das culturas e dos grupos étnicos existentes na mesma sociedade. O estudo de Bekker, Arends-Tóth e Croon (2011) realizou uma ligação entre autonomia-conectada e as dimensões culturais de Hofstede. Concluiu-se que a autonomia-conectada é sensível à variação da dimensão Individualismo e Coletivismo. Os resultados demonstraram que as holandesas nativas obtiveram valores mais elevados em Sensibilidade para os outros do que o grupo das imigrantes, mas ambos grupos obtiveram resultados semelhantes em Autoconsciência.

Em Portugal, pouco se sabe sobre a relação entre autonomia-conectada e dimensões culturais. O estudo de Moleiro, Ratinho e Bernardes (2017) aborda pela primeira vez esse tema, aplicando a Escala de Autonomia-conectada (ACS-30; Bekker & van Assen, 2006), aos portugueses nativos e aos imigrantes de origem cabo-verdiana e chinesa residentes em Portugal. Os portugueses nativos obtiveram os valores mais elevados na subescala Autoconsciência, enquanto que os imigrantes de origem chinesa obtiveram os mais baixos. As mulheres portuguesas tiveram uma pontuação mais elevada que os homens portugueses em Sensibilidade para os outros.

## **1.5. Autonomia-conectada e a aculturação**

Segundo Redfield, Linton e Herskovits (citados por Berry, 2005) a aculturação resulta de um contato contínuo e direto entre dois ou mais grupos culturais. A nível grupal, implica mudanças nas estruturas sociais, nas instituições e nas práticas culturais. Ao nível individual envolve mudanças no comportamento dos indivíduos.

De acordo com Gordon (citado por Schwartz et al*.*, 2010) a aculturação foi inicialmente conceptualizada como um processo unidimensional, em que a preservação da herança cultural e a aquisição da cultura de acolhimento, em simultâneo, eram inconcebíveis.

De acordo com o modelo unidimensional, pretendia-se que os imigrantes adquirissem os valores, as práticas e as crenças da cultura do país de acolhimento, e que abandonassem a sua herança cultural (Alegria, 2009).

Ryder, Alden e Paulhus (2000) referem que a maioria dos estudos assentes em modelos unidimensionais utiliza variáveis demográficas como medidas de aculturação (por exemplo, a nacionalidade e o tempo de residência). Porém, estas medidas de aculturação não têm em consideração as inúmeras diferenças individuais e outros fatores que possam ter um impacto na adaptação à cultura de acolhimento (por exemplo, a exposição à cultura de acolhimento na fase pré-imigração, a residência em bairros étnicos, ou até a frequência no contato entre imigrantes e nativos).

A partir de 1980, psicólogos como Berry, reconhecem que o imigrante não tem necessariamente que abandonar as suas crenças, valores e práticas em detrimento da cultura do país de acolhimento. O modelo bidimensional veio considerar não só a relação do imigrante com a cultura predominante, mas também com a sua cultura de origem (Berry, 2005).

Berry (2005) desenvolvem um modelo de aculturação em que a aquisição da cultura do país de acolhimento e a retenção da cultura de origem são duas dimensões independentes. Estas duas dimensões cruzam-se para criar quatro estratégias de aculturação:

* A Assimilação em que o individuo aceita e absorva os valores culturais do país de acolhimento;
* A Separação em que o individuo aceite e adere aos valores e normas culturais, em detrimento à aceitação da cultura de acolhimento;
* A Integração em que o individuo aceite e adere aos valores e normas culturais de ambas as culturas;
* A Marginalização em que a pessoa não aceite nem adere aos valores de nenhuma das culturas, nem a de origem nem a de acolhimento.

Ryder, Alden e Paulhus (2000) procuraram comparar os modelos unidimensionais e bidimensionais de aculturação em estudantes de diversas heranças culturais (e.g. chinesa, asiática, italiana e indiana) que residiam na América do Norte. Concluiu-se que o modelo bidimensional é uma operacionalização de aculturação mais válido e útil comparado com o modelo unidimensional e que o Índice de Aculturação de Vancouver (VIA; Ryder, Alden & Paulhus, 2000) é um instrumento eficaz para medir a aculturação.

No estudo de De Leersnyder et al. (2011) constatou-se que os imigrantes apresentaram maior concordância perante os padrões normativos da cultura de acolhimento ao longo do tempo e através do contato com a cultura dominante.

Güngör et al. (2013) que realizaram um estudo junto de imigrantes japoneses nos Estados Unidos, afirmaram que a personalidade pode ser aculturada.

No que diz respeito a autonomia-conectada e a aculturação, Moleiro, Ratinho e Bernardes (2017) concluíram que o tempo de residência dos imigrantes chineses e cabo-verdianos em Portugal apenas influenciou a subescala Autoconsciência. Tendo em conta que os imigrantes cabo-verdianos obtiveram resultados mais elevados na subescala Autoconsciência e que residiam em Portugal há mais tempo do que os imigrantes chineses, colocou-se a hipótese que o tempo de residência fosse um fator relevante na incorporação dos valores da cultura de acolhimento (Schwartz*,* 2006).

## **1.6. Definição do problema e dos objetivos do estudo**

O constructo de autonomia-conectada tem sido largamente estudado na população holandesa, existindo apenas um estudo, até à data, que inclui imigrantes residentes na Holanda. Portanto, é fundamental compreender se o constructo é valido noutras populações, como a portuguesa, de forma a alargar a sua validade externa. Tendo em consideração a escassez de estudos realizados sobre autonomia-conectada em Portugal (e.g., Moleiro, Ratinho & Bernardes, 2017), este trabalho pretende ser igualmente uma contribuição nesse sentido.

O Individualismo vs. Coletivismo tem sido a dimensão mais frequentemente utilizada para distinguir uma cultura da outra, uma vez que está relacionada com aspetos universais, mas também com aspetos culturais (Triandis & Suh, 2002). Foi nesse sentido que o presente estudo se propôs a comparar portugueses nativos com imigrantes que nasceram em culturas consideradas coletivistas, como os brasileiros e os ucranianos, e em culturas individualistas, no caso dos ingleses. Já Moleiro, Ratinho e Bernardes (2017) haviam estudado portugueses e imigrantes de culturas coletivistas em Portugal (Cabo-Verde e China), mas não investigaram comunidades com valores individualistas.

Uma outra limitação do estudo de Moleiro, Ratinho e Bernardes (2017) foi a utilização da variável Tempo de residência como única medida de aculturação. Também foi o indicador utilizado por Bekkerno estudo realizado na Holanda*.* Neste presente trabalho utilizou-se a variável Tempo de residência e o Índice de Aculturação de Ryder, Alden e Paulhus (2000) como indicadores de aculturação.

No presente estudo, optou-se pela nacionalidade brasileira porque, segundo o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (RIFA) de 2014, é a principal comunidade estrangeira residente em Portugal, com um total de 87 493 cidadãos. Relativamente à nacionalidade ucraniana, foi selecionada pelas suas semelhanças com a portuguesa, segundo as dimensões culturais de Hofstede e por ser uma cultura europeia coletivista. E por último, distingue-se a inglesa por ser proveniente de uma cultura europeia individualista.

Figura 1 Dimensões Culturais de Hofstede de Portugal, Brasil, Inglaterra e Ucrânia

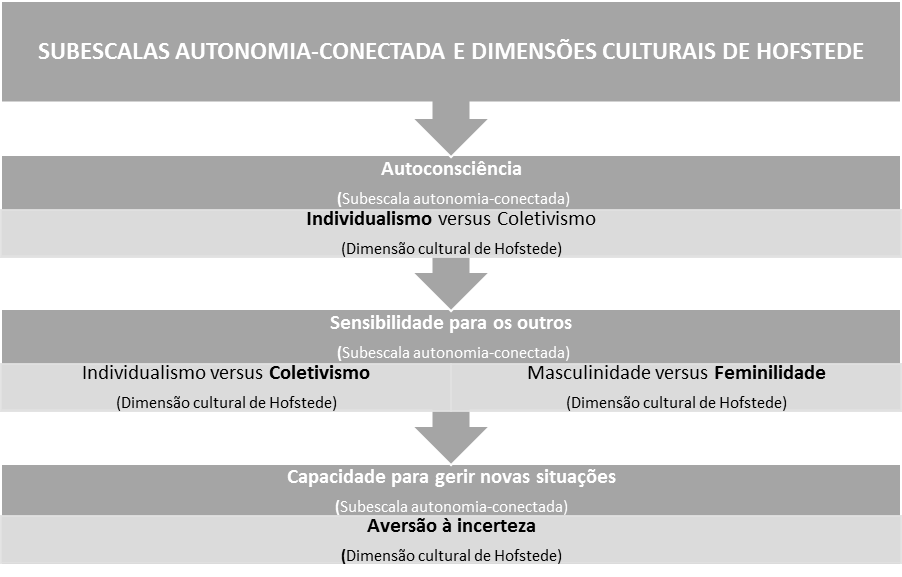
*Nota.* Figura adaptada do geert-hofstede.com.

É possível observar que Portugal e Ucrânia apresentam resultados similares nas três dimensões culturais acima representadas *(*Individualismo vs. Coletivismo, Masculinidade vs. Feminilidade e Aversão à incerteza). Ambos países têm uma cultura coletivista e feminina com uma forte aversão à incerteza. O Brasil apresenta resultados semelhantes, mas possui uma pontuação muito intermédia no que diz respeito à dimensão Masculinidade vs.Feminilidade*.* Porém, a Inglaterra, quando comparada com as restantes culturas, difere em todas as dimensões estudadas sendo uma cultura individualista, masculina e com fraca aversão à incerteza.

Moleiro, Ratinho e Bernardes (2017) referem que existem algumas similaridades entre três das dimensões culturais de Hofstede e as três subescalas de autonomia-conectada:

* A dimensão Individualismo e a subescala Autoconsciência: foco no “Eu” e tomar decisões de forma independente.
* A dimensão Coletivismo e Feminilidade e a subescala Sensibilidade para os outros: existe uma forte preocupação pelo outro.
* A dimensão Aversão à incerteza e a subescala Capacidade para gerir novas situações: ambas lidam com situações controladas como inesperadas.

Figura 2 Subescalas Autonomia-conectada e Dimensões Culturais de Hofstede



Deste modo, neste estudo as principais questões de investigação são:

1) De que modo os seguintes grupos - portugueses nativos e imigrantes brasileiros, ingleses e ucranianos - diferem nas diferentes componentes da autonomia-conectada (Autoconsciência; Sensibilidade para os outros; e Capacidade para gerir novas situações) utilizando a Escala de Autonomia-Conectada (ACS-30; Bekker & van Assen, 2006)?

2) Qual é a relação entre autonomia-conectada e aculturação nos imigrantes brasileiros, ingleses e ucranianos aplicando o Índice de Aculturação de Vancouver (VIA; Ryder, Alden, & Paulhus, 2000)?

Baseando-nos nas duas questões acima referidas, preveem-se as seguintes hipóteses:

H1:As mulheres terão uma pontuação mais elevada do que os homens na subescala Sensibilidade para os outros;

H2:Os imigrantes ingleses terão uma pontuação mais elevada nas subescalas Autoconsciência e Capacidade para gerir novas situações do que os restantes grupos;

H3:Os imigrantes brasileiros terão menor diferença de sexo em Sensibilidade para os outros do que os restantes grupos;

H4: O tempo de residência e aculturação estarão associados a maior Autoconsciência.

# **Capítulo II – Método**

## **2.1. Participantes**

O presente estudo contou com a colaboração de 121 participantes, dos quais 34 eram portugueses nativos e 87 eram imigrantes de origem brasileira, inglesa e ucraniana. Dos 87 imigrantes englobados neste estudo, 34 eram ucranianos, 21 eram ingleses e 32 eram brasileiros. Todos os participantes residiam em Portugal, 62 eram homens (51.20%) e 59 eram mulheres (48.80%) e com idades compreendidas entre os 18 e os 81 anos (*M*=41.40; *SD*=16.39). No total, 43.8% dos participantes eram casados e 38.8% eram solteiros. Relativamente ao nível de escolaridade, 28.90% tinham o ensino secundário e outros 28.90% tinham o ensino superior, 26.40% tinham uma pós-graduação, um mestrado ou um doutoramento e apenas 14.90% tinham o ensino básico.

Optou-se por reunir os participantes consoante o seu país de origem, uma vez que se pretende estudar a autonomia-conectada e aculturação dos vários grupos culturais.

Os portugueses nativos (*n* P-Grupo= 34) tinham idades compreendidas entre os 20 e os 68 (*M*=33.00; *SD*=12.85) e 67.65% eram mulheres e 32.35% eram homens. 58.82% dos participantes eram solteiros. Do ponto de vista educacional, 38.24% tinham uma licenciatura e 32.35% tinham uma pós-graduação, mestrado ou doutoramento.

Os imigrantes ucranianos (*n* UC-Grupo=34) tinham idades compreendidas entre os 21 e os 61 (*M*=37.91; *SD*=10.83). Neste grupo, 58.82% eram homens e 41.18% eram mulheres. Mais de metade era casado (55.88%). Do ponto de vista educacional, 44.12% tinham o ensino básico e 32.35% o ensino secundário. Neste grupo, 55.88% residiam em Portugal há menos de 10 anos.

Os imigrantes brasileiros (*n* BR-Grupo=32) tinham idades compreendidas entre 18 e os 76 (*M*=43.13; *SD*=16.84). Neste grupo, 62.50% eram homens e 37.50% eram mulheres. 46.88% eram casados e 37.50% eram solteiros. A metade dos imigrantes brasileiros tinha o ensino básico como nível de escolaridade. Neste grupo, 62.5% residiam em Portugal há menos de 10 anos, mas 31.25% já viviam no país há mais de 20 anos.

Os imigrantes ingleses (*n* IN-Grupo=21) tinham idades compreendidas entre os 31 e os 81 anos (*M*=58.00; *SD*=16.49) e 52.38% eram homens e 47.62% eram mulheres. Destes, 66.67% eram casados e 57.14% eram pós-graduados, mestres ou doutores. Neste grupo, 71.43% residiam em Portugal há menos de 10 anos.

## **2.2. Procedimentos e Instrumentos**

O estudo foi distribuído online*,* por email e pelas redes sociais (59.5% dos participantes preencheram a versão online) e em formato papel (40.5% dos participantes preencheram a versão em papel). O estudo encontrava-se disponível em inglês bem como em português.

Os inquiridos eram informados no Consentimento Informado da sua participação voluntária e anónima, e dos objetivos a que o presente trabalho se propõe.

Posteriormente, foi realizado um levantamento sociodemográfico, com cerca de 12 perguntas, para a caracterização da população inquirida.

Neste estudo foram utilizados dois instrumentos de trabalho: A Escala de Autonomia-conectada (ACS-30; Bekker & van Assen, 2006) para medir o nível de autonomia conectada dos portugueses, mas também dos imigrantes; e o Índice de Aculturação de Vancouver (VIA; Ryder, Alden & Paulhus, 2000) para medir aculturação dos imigrantes.

Para medir o nível de autonomia-conectada foi utilizado a Escala de Autonomia-Conectada de Bekker e van Assen (2006). Esta escala contém 30 itens, divididos em 3 subescalas: 17 itens sobre Sensibilidade para os outros; 7 itens sobre Autoconsciência; e 6 itens sobre Capacidade para gerir novas situações. Os respondentes tinham que escolher o seu grau de concordância ou discordância numa escala de um (discordo) a cinco (concordo) do tipo *Likert*. A Autoconsciência representa a consciencialização das suas próprias opiniões, desejos e necessidades, bem como a capacidade em expressá-las durante as interações sociais (Bekker & van Assen, 2006). Exemplo de item da subescala Autoconsciência é “Tenho opiniões fortes sobre a maioria dos assuntos”. No estudo de Bekker’s e van Assen de 2006, esta subescala apresentou um alfa de Cronbach de 0.81, sendo um valor satisfatório, em termos de consistência interna. A Sensibilidade para os outros engloba a sensibilidade perante as opiniões, desejos e necessidades dos outros, a empatia e a capacidade e necessidade de intimidade e separação (Bekker & van Assen, 2006). Um item desta subescala é, por exemplo, “Não suporto que as outras pessoas estejam zangadas comigo”. O alfa de Cronbach da subescala foi de 0.83 (Bekker & van Assen, 2006). A Capacidade para gerir novas situações reflete sobre o sentimento de (des)conforto ou a (in)segurança que as pessoas sentem perante novas situações e a dependência nas estruturas familiares (Bekker & van Assen, 2006). Um exemplo de item desta escala é “Sinto-me rapidamente à vontade em novas situações”. O alfa de Cronbach desta subescala apresenta uma consistência interna satisfatória de 0.82 (Bekker & van Assen, 2006).

A ACS-30, que foi inicialmente desenvolvida em inglês, já se encontrava adaptada para a população portuguesa (Moleiro, Ratinho & Bernardes, 2017). No nosso estudo, o alfa de Cronbach das subescalas Sensibilidade para os outros e Capacidade para gerir novas situações apresentaram uma consistência interna satisfatória de 0.78 e 0.77 respetivamente. A exceção foi a subescala Autoconsciência com um alfa de 0.68. Apesar de não ser um valor extraordinariamente baixo, podemos subir este valor para 0.70 se removermos o item 28 (“Quando não concordo com alguém, deixo isso bem claro”). Optou-se então por remover este item em subsequentes análises. Após a remoção deste item, não houve mais ganhos possíveis pelo que o alfa final foi 0.70.

Para medir o nível de aculturação foi utilizado o Índice de Aculturação de Vancouver de Ryder, Alden e Paulhus (2000). Esta escala foi formulada mediante a perspetiva de que a aculturação é melhor entendida quando o peso da herança cultural e da cultura dominante são avaliados de forma separada uma da outra e são, portanto, capaz de sofrer alterações de forma independente. Esta escala contém ao todo 20 itens, divididos em 2 subescalas: 10 itens para a subescala da Herança (herança cultural); e 10 itens para a subescala *Mainstream* (cultura do país de acolhimento). Os itens retratam os vários domínios relevantes na aculturação, incluindo valores, relações sociais, bem como a adesão a tradições. Um item da subescala Herança é, por exemplo, “Gosto de participar em eventos sociais com pessoas da minha cultura”. O alfa de Cronbach da subescala Herança estava compreendido entre 0.91 a 0.92 (Ryder, Alden & Paulhus, 2000). Um item da subescala Mainstream é “Estaria disposto a casar com um português nativo”. O alfa de Cronbach estava compreendido entre 0.85 a 0.89 (Ryder, Alden & Paulhus, 2000). Os itens são classificados em uma escala de classificação, do tipo *Likert*, de 9 pontos com respostas variando entre 1 (discordo) a 9 (concordo).

O Índice de Aculturação de Vancouver de Ryder, Alden e Paulhus (2000) não se encontrava adaptado para a população portuguesa, tendo sido necessário traduzi-lo de inglês para português. Para obter uma versão final da escala em português foi preciso o apoio de dois falantes nativos portugueses para traduzi-la de inglês para português. De seguida a escala foi novamente traduzida de português para inglês por dois falantes nativos ingleses. Esta segunda parte foi importante de forma a garantir que o sentido original dos itens fosse mantido. No nosso estudo, o alfa de Cronbach foi de 0.93 para subescala Mainstream e de 0.95 para a subescala Herança.

As respostas ao questionário, em formato papel e online*,* foram agregadas numa base de dados, a partir da qual se realizaram as diferentes análises estatísticas mediante o programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) - Versão 23.

Foi calculada a consistência interna dos dois instrumentos – a Escala de Autonomia-Conectada e o Índice de Aculturação de Vancouver - bem como as correlações das escalas no seu todo e nos seus itens. Seguiu-se, então, a análise descritiva das respostas ao questionário, através do cálculo das médias e desvio-padrão, e foram efetuadas análises de comparação de resultados entre portugueses nativos e imigrantes brasileiros, ingleses e ucranianos. Finalmente, foi efetuada análise multivariada para o teste das hipóteses do estudo.

# **Capítulo III – Resultados**

Os dados descritivos sobre as diversas dimensões da autonomia-conectada para cada país representado no estudo, considerando participantes do sexo feminino e masculino, encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1 Médias e Desvios-padrão das Dimensões de Autonomia-conectada (SA, SO, CMNS) para cada País e Sexo

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Escala | P-Grupo | | IN-Grupo | | BR-Grupo | | UC-Grupo | | Total | |
| F | M | F | M | F | M | F | M | F | M |
| SA | 3.29  (0.80) | 3.56  (0.55) | 3.62  (0.79) | 3.11  (0.70) | 3.75  (0.51) | 3.61  (0.74) | 3.42  (0.59) | 3.67  (0.46) | 3.47  (0.71) | 3.53  (0.63) |
| SO | 3.46  (0.60) | 3.11  (0.48) | 2.75  (0.43) | 2.85  (0.27) | 3.26  (0.55) | 2.83  (0.52) | 3.25  (0.44) | 3.11  (0.32) | 3.25  (0.57) | 2.97  (0.43) |
| CMNS | 3.04  (0.88) | 3.29  (0.55) | 3.64  (0.82) | 3.15  (0.28) | 3.10  (0.76) | 3.50  (0.85) | 3.26  (1.25) | 3.19  (0.65) | 3.21  (0.95) | 3.30  (0.67) |

*Nota.* F = feminino; M = masculino.

Para estudar se as diferenças entre grupos culturais e o sexo nas subescalas da autonomia-conectada foram significativas, foi realizada uma MANOVA (*Multivariate Analysis of Variance*), que é um procedimento multivariado que tem como objetivo verificar se existem diferenças entre um ou mais grupos relativamente a 2 ou mais variáveis dependentes. Utilizou-se o país de origem e o sexo como variáveis independentes e as subescalas do ACS-30 como variáveis dependentes. Pretendeu-se verificar se existiam diferenças de sexo e entre os países de origem relativamente às 3 subescalas (SO, CMNS e SA), bem como a sua interação.

Verificamos que não há diferenças significativas entre os homens e as mulheres (*F*(3,111)=2.29, *p*=0.08), embora exista uma tendência que não atingiu a significância estatística. Contudo, verificou-se uma diferença estatística significativa entre os diferentes países de origem (*F*(9,339)=2.14, *p*<0.05). A interação entre o Sexo e o País de Origem não se revelou significativa (*F*(9, 339)=1.26, *p*=0.26)

Para especificar os efeitos de cada variável em cada uma das subescalas da autonomia-conectada (SA, SO, CMNS), foram realizadas ANOVA’s individuais (país de origem e sexo como variáveis independentes) para cada variável dependente (subescalas de autonomia-conectada). Ao nível das diferenças de sexo, houve diferenças significativas para a subescala Sensibilidade para os outros (*F*(1,121)=5.07, *p*<0.05), com as mulheres a obterem em média valores mais altos do que os homens. Nas subescalas Autoconsciência e Capacidade para gerir novas situações as diferenças entre os sexos não atingiram a significância estatística. Relativamente às diferenças entre os diferentes países de origem, mais uma vez, foi encontrada uma diferença significativa em Sensibilidade para os outros (*F*(1,121)=4.70, *p*<0.01).

Para explorar estas diferenças significativas entre os diferentes países de origem (*p* < 0.01) na subescala Sensibilidade para os outros, foram feitos testes de post hoc de Bonferroni. As diferenças encontradas foram entre a Ucrânia e a Inglaterra (a Ucrânia teve em média mais 0.37 SO; *p* < 0.05), entre o Brasil e Portugal (o Brasil teve em média menos 0.36 SO; *p* < 0.05), e entre Portugal e Inglaterra (Portugal teve em média mais 0.54 SO; *p* < 0.001). Nas subescalas Autoconsciência e Capacidade para gerir novas situações, as diferenças entre os diversos países não se revelaram estatisticamente significativas. Ao nível dos efeitos de interação, em nenhuma das subescalas foi encontrado um efeito de interação entre sexo e país de origem significativo.

Os dados descritivos sobre as médias e desvios-padrão das variáveis Tempo de residência e Índice de aculturação (Mainstream e Herança) nas 3 subescalas da autonomia-conectada por grupos de imigrantes (brasileiros, ingleses e ucranianos), encontra-se na Tabela 2.

Tabela 2 Frequências, Médias e Desvios-padrão do Tempo de Residência e do Índice de Aculturação (Mainstream e Herança) por Grupos de Imigrantes

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| Variáveis | IN-Grupo | BR-Grupo | UC-Grupo | Total |
| Tempo de residência (freq.) |  |  |  |  |
| 1-10 anos | 15 | 20 | 19 | 55 |
| 11-20 anos | 4 | 2 | 11 | 18 |
| + 20 anos | 2 | 10 | 4 | 48 |
| Índice de aculturação Mainstream | 5.45 (1.34) | 6.29 (1.72) | 6.89 (1.53) | 6.29 (1.66) |
| Índice de aculturação Herança | 6.56 (1.74) | 7.09 (1.09) | 7.28 (1.56) | 7.04 (1.46) |

Para estudar os efeitos do Tempo de residência e do Índice de aculturação Mainstream e Herança nas 3 subescalas da autonomia-conectada nos imigrantes brasileiros, ingleses e ucranianos foi realizada uma MANCOVA (Multivariate Analysis of Covariance).

Antes de mais, a variável Tempo de residência, que inicialmente seria utilizada como uma variável contínua, foi recodificada em intervalos para entrar na análise devido à existência de um ponto não-contínuo na escala (+ de 20 anos). Assim sendo, a nova variável comporta 3 níveis: 1-10 anos; 11-20 anos; + de 20 anos. Incluiu-se também a variável País de origem no modelo como controlo enquanto variável categorial.

O modelo a testar incluiu 4 efeitos diretos – País de origem, Tempo de residência, Índice de aculturação Mainstream e Índice de aculturação Herança; e 3 interações – País de origem e Tempo de residência; País de origem e Índice de aculturação Herança; e País de origem e Índice de aculturação Mainstream. Os efeitos significativos foram os do Índice de aculturação Herança (*F*(3, 70)=4.32, *p*<0.01), assim como as interações entre o Pais de origem e o Tempo de residência (*F*(12, 216) =2.92, *p*<0.01), e entre País de origem e Índice de aculturação Herança (*F*(6, 142) =3.90, *p*<0.01)**.** O efeito direto do Pais de origem foi marginalmente significativo (*F* (6, 142)=2.18, *p*=0.048) e os do Tempo de residência e do Índice de aculturação Mainstream não foram significativos

Para especificar os efeitos de cada variável em cada uma das subescalas da autonomia-conectada (SA, SO, CMNS), foram realizadas ANOVA’s individuais (País de origem; Tempo de residência; Índice de aculturação Herança; e Índice de aculturação Mainstreamcomo variáveis independentes) para cada variável dependente (subescalas de autonomia-conectada).

Figura 3 Interação entre País de Origem e Tempo de Residência na Subescala CMNS

A interação entre País de origem e Tempo de residência revelou-se significativa nas subescalas Capacidade para gerir novas situações (*F*(4,87))=4.38 ,*p* < 0.01) e Autoconsciência (*F*(4,87)=3.83, *p*<0.01). No Figura 3 é possível observar que antes dos 10 anos de residência, não houve diferenças entre países, no que diz respeito à subescala Capacidade para gerir novas situações. Mas dos 11 aos 20 anos, o Brasil ficou com substancialmente menos Capacidade para gerir novas situações. A partir dos 20 anos, a situação inverte-se e passa a ser a Ucrânia que tem menos Capacidade para gerir novas situações. Ou seja, com a aculturação, a Capacidade para gerir novas situações evolui de forma diferente conforme o país de origem. Na Figura 4, a situação repete-se para a subescala Autoconsciência, ou seja, dos 11 aos 20 anos de residência houve uma queda do Brasil, e a partir dos 20 anos os ingleses ficam muito à frente dos restantes países em termos de Autoconsciência. Concluiu-se que, com a aculturação, a Capacidade para gerir novas situações e a Autoconsciência evoluem de forma diferente conforme o país de origem.

Figura 4 Interação entre País de Origem e Tempo de Residência na Subescala SA

O efeito do Índice de aculturação Herança foi significativo no que toca às variáveis Capacidade para gerir novas situações (*F*(1,88)=5.51, *p* < 0.05) e Sensibilidade para os outros (*F*(1,88)=9.89, *p* < 0.01); e a interação foi significativa para as 3 variáveis Autoconsciência, Sensibilidade para os outros e Capacidade para gerir novas situações (*F*(2,88)=4.36 para SA, *p*<0.01; *F*(2,88)=10.64 para SO, p<0.01; *F*(2,88)=6.56 para CMNS, *p*<0.01). À medida que o Índice de aculturação Herança aumentava, maior era a Sensibilidade para os outros; mas quanto maior era o Índice de aculturação Herança, menor era a Capacidade para gerir novas situações e Autoconsciência. Na interação entre País de origem e Índice de aculturação Herança foi saliente o facto de que, para a Ucrânia e o Brasil, maior era o Índice de aculturação Herança, maior era a Sensibilidade para os outros. E maior era o Índice de aculturação Herança menor era a Capacidade para gerir novas situações e a Autoconsciência. No caso da Inglaterra, quanto maior o Índice de aculturação Herança maior era a Capacidade para gerir novas situações e a Autoconsciência e menor era a Sensibilidade para os outros. Concluindo, nos ucranianos e nos brasileiros, a ligação à cultura de origem está associada a uma maior Sensibilidade para os outros, mas a uma menor Capacidade para gerir novas situações e Autoconsciência. No caso dos ingleses, a ligação à cultura de origem está associada a uma menor Sensibilidade para os outros, mas a uma maior Capacidade para gerir novas situações e Autoconsciência.

# **Capítulo IV – Discussão e conclusão**

De uma forma geral, o presente trabalho pretendeu analisar de que modo os seguintes grupos - portugueses nativos e imigrantes brasileiros, ingleses e ucranianos - diferem nas diferentes componentes da autonomia-conectada. Além disso, o estudo procurou explorar a relação entre autonomia-conectada e aculturação nos imigrantes brasileiros, ingleses e ucranianos. Os resultados principais revelaram-nos que existem diferenças significativas entre os diferentes países estudados na subescala Sensibilidade para os outros, bem como diferenças entre sexos. Os resultados também revelaram que, para os ucranianos e os brasileiros, a ligação à cultura de origem está associada a uma maior Sensibilidade para os outros, mas a uma menor Capacidade para gerir novas situações e Autoconsciência. Para os ingleses, a ligação à cultura de origem está associada a uma menor Sensibilidade para os outros, mas a uma maior Capacidade para gerir novas situações e Autoconsciência. Consistentemente, o tempo de residência no país de acolhimento também denotou diferenças, sendo que, com a aculturação, a Capacidade para gerir novas situações e a Autoconsciência evoluem de forma diferente conforme o país de origem.

As quatro hipóteses abaixo mencionadas basearam-se nas pontuações obtidas de cada país nas seguintes Dimensões Culturais de Hofstede (2011): Individualismo vs. Coletivismo; Masculinidade vs. Feminilidade; e Aversão à incerteza.

Na primeira hipótese esperava-se que as mulheres, no geral, teriam um resultado mais elevado na subescala Sensibilidade para os outros do que os homens. Esta hipótese confirmou-se parcialmente, ou seja, houve diferenças significativas entre os sexos, mas apenas para a subescala Sensibilidade para os outros. Com efeito, embora na MANOVA inicial as diferenças entre os sexos não tivessem atingido a significância estatística, uma análise individual das diferenças em Sensibilidade para os outros confirmou a existência dessas diferenças. As diferenças entre sexos encontradas em Sensibilidade para os outros coincidiram com os resultados encontradas em estudos anteriores (e.g., Bekker & Belt, 2006; Bekker & van Assen, 2008, Bekker et al., 2011; Moleiro, Ratinho & Bernardes, 2017) e parecem refletir uma noção de autonomia que traduz processos de socialização de género. Quer isto dizer que a autonomia-conectada abarca a dimensão de interdependência (que implica a sensibilidade aos outros) que é tipicamente parte da socialização de género das mulheres, mais do que da masculinidade hegemónica.

Na segunda hipótese previa-se que ingleses teriam uma pontuação mais elevada em Autoconsciência e Capacidade para gerir novas situações do que os restantes grupos. Contudo, esta hipótese não foi confirmada. Os ingleses apresentaram diferenças apenas a nível da subescala Sensibilidade para os outros, ou seja, obtiveram os valores mais baixos nesta subescala. Supôs-se que os ingleses teriam maior Capacidade para gerir novas situações por serem mais tolerantes com aquilo que não podem controlar e maior Autoconsciência por terem uma cultura individualista (Hofstede, 2011). Ainda assim, o resultado encontrado (valores mais baixos de SO) é consistente com a noção de que, dos grupos estudados, os ingleses provêm de um contexto cultural mais individualista e menos coletivista, e talvez deste modo, menos sensíveis aos outros quando em situações de tomada de decisão autónoma.

Na terceira hipótese esperava-se que o Brasil seria o país com menos diferenças de sexo em Sensibilidade para os outros comparado com os outros grupos, uma vez que o Brasil apresenta a pontuação mais intermédia na Dimensão Cultural de Hofstede − Masculinidade vs. Feminilidade (Hofstede, 2011). Esta hipótese não foi confirmada. Os brasileiros apresentaram menos Sensibilidade para os outros do que os portugueses, mas não houve diferenças de sexo. As diferenças em Sensibilidade para os outros surgiram quando foi realizada diversas comparações entre os grupos culturais estudados. A Ucrânia obteve resultados mais elevados em Sensibilidade para os outros do que a Inglaterra, o Brasil obteve menos Sensibilidade para os outros do que Portugal e, por fim, Portugal obteve mais Sensibilidade para os outros do que a Inglaterra.

Também se previa que o tempo de residência e a aculturação seriam associados a maior Autoconsciência (H4) mas por via de efeito direto não se verificou. Concluiu-se que, com a aculturação, a Capacidade para gerir novas situações e a Autoconsciência evoluem de forma diferente conforme o país de origem. Todavia, este efeito variou conforme o país de origem. No estudo de Moleiro, Ratinho e Bernardes (2017), os resultados revelaram que o efeito do tempo de residência foi significativo apenas para a subescala Autoconsciência, mas no estudo de Bekker et al. (2011), uma maior adaptação à nova cultura não contribuiu para um aumento da autoconsciência. Os nossos resultados revelaram que, para os imigrantes brasileiros e ucranianos cujos países são considerados coletivistas, a ligação à cultura de origem está associada a maior Sensibilidade para os outros, mas por sua vez a menor Capacidade para gerir novas situações e Autoconsciência. No caso dos ingleses a ligação à cultura de origem está associada a maior Capacidade para gerir novas situações e Autoconsciência, mas a menor Sensibilidade para os outros.

No entanto e após a discussão dos dados deste trabalho empírico, consideramos ser importante reconhecer algumas limitações que possam ter surgido durante o estudo. A limitação mais marcante evidenciada no estudo prende-se com a amostra. O tamanho da amostra (e de cada subgrupo) foi limitado, derivado à dificuldade no acesso aos imigrantes. Como consequência, os resultados deste estudo podem não ser representativos das diferentes populações em estudo. A amostra foi relativamente pequena devido à dificuldade de acesso às comunidades de imigrantes. Adicionalmente, o estudo do efeito do tempo de residência e da aculturação foi feito em estudo transversal e não longitudinal, pelo que a análise dos resultados deve ter isso em conta. Finalmente, o estudo reflete as populações imigrantes em Portugal, que poderão ser distintas das populações nos seus países de origem. Estudos futuros poderão não só ter um caracter longitudinal, estudando a autonomia-conectada ao longo do tempo de residência num país de acolhimento, mas também efetuar comparações entre população nos países de origem e população migrante.

Ainda assim, e face às limitações apresentadas, pensamos ter contribuído para uma maior perceção da autonomia-conectada através das diferentes culturas representadas neste estudo. As diferenças entre sexos encontradas em Sensibilidade para os outros confirmaram os resultados já existentes em outros estudos (e.g., Bekker & Belt, 2006; Bekker & van Assen, 2008, Bekker et al., 2011; Moleiro, Ratinho & Bernardes, 2017). Ainda foi encontrada uma ligação entre autonomia-conectada e aculturação, nomeadamente, verificou-se que a ligação à cultura de origem tem um impacto nas subescalas da autonomia-conectada.

**Referências**

Alegria, M. (2009). The Challenge of Acculturation Measures: What are we missing? A commentary on Thomson & Hoffman-Goetz. *Social Science & Medicine*, *69*, 996–998. doi: 10.1016/j.socscimed.2009.07.006

Bekker, M. H. J. (1993). The development of an Autonomy scale based on recent insights into gender identity. *European Journal of Personality, 7*, 177-194.

Bekker, M. H. J. & Belt, U. (2006). The Role of Autonomy-Connectedness in Depression and Anxiety. *Depression and Anxiety, 23,* 274-280.

Bekker, M. H. J. & van Assen, M. A. L. M. (2006). A short form of the autonomy scale: Properties of the Autonomy-Connectedness Scale (ACS-30). *Journal of Personality Assessment, 86,* 51-60.

Bekker, M. H. J. & van Assen, M. L. M. (2008). Autonomy-Connectedness and Gender. *Sex Roles, 59,* 532-544.

Bekker, M. H. J., Arends-Tóth, J. V. & Croon, M. A. (2011). [Autonomy-connectedness, acculturation, and independence–interdependence among various cultural groups in a multicultural society](https://pure.uvt.nl/portal/en/publications/autonomyconnectedness-acculturation-and-independenceinterdependence-among-various-cultural-groups-in-a-multicultural-society(88533c1a-fca8-4a0f-8732-a126b0e87737).html). *International Journal of Intercultural Relation, 35*, 368-376.

Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two Cultures. *International Journal of Intercultural Relations, 29*, 697-712.

Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). *Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI) professional manual.* Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.

De Leersnyder, J., Mesquita, B., & Kim, H. (2011). Where do my emotions belong? A study of immigrant’s emotional acculturation. *Personality and Social Psychology Bulletin, 37,* 451-463.

Erikson, E.H. (1974). *Dimensions of a New Identity*. New York: Norton.

Fiske, A. P., Kitayama, S., Markus, H.R., & Nisbett, R.E. (1998). The cultural matrix of social psychology. In D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey (Eds.). The handbook of social psychology. (pp. 915–981). San Francisco: McGraw-Hill.

Güngör, D., Bornstein, M. H., De Leersnyder, J., Cote, L., Ceulemans, E., & Mesquita, B. (2013). Acculturation of Personality: A Three-Culture Study of Japanese, Japanese Americans, and European Americans. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *44*, 701–718.

Hmel, B. A., & Pincus, A. L. (2002). The meaning of autonomy: On and beyond the interpersonal circumplex. *Journal of Personality,* *70,* 277–310.

Hofstede, G. & McCrae, R. R. (2004). Culture and personality revisited: Linking traits and dimensions of culture. *Cross-Cultural Research, 38*, 52-88.

Hofstede, G. (2011). Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context. *Online Readings in Psychology and Culture, 2*. doi: 10.9707/2307-0919.1014

Hofstede, G. H. (1980). *Culture’s consequences: International differences in work related values*. Beverly Hills, CA: Sage.

Kroeber, A. L., & Kluckhohn, C. (1952). *Culture: A critical review of concepts and definitions*. New York: Vintage Books.

Kohlberg, L. (1984). *Essays in moral development: Vol. II. The psychology of moral development*. New York: Harper & Row.

Mahler, M. S., Pine, F., & Bergman, A. (2002). *O nascimento psicológico da criança: Simbiose e individuação*. Porto Alegre, RS: ArtMed.

Mahler, M. A., Pine, F., & Bergman, A. (1975). *The psychological birth of the human infant: Symbiosis and individuation*. New York: Basic Books.

Mogilka, M. (1999). Autonomia e formação humana em situações pedagógicas: Um difícil percurso. *Educação e Pesquisa*, *25*, 57-68.

Moleiro, C., Ratinho, I., & Bernardes, S. (2017). Autonomy-Connectedness in Collectivistic Cultures: An exploratory cross-cultural study among Portuguese natives, Cape-Verdean and Chinese people residing in Portugal. *Personality and Individual Differences, 104*, 23-28. doi: 10.1016/j.paid.2016.07.031

Ryan, R. M., Kuhl, J., & Deci, E. L. (1997). Nature and autonomy: Organizational view of social and neurobiological aspects of self-regulation in behavior and development. *Development and Psychopathology*, *9*, 701–728.

Ryder, A.G., Alden, L., & Paulhus, D.L. (2000). Is acculturation unidimensional or bidimensional?: A head-to-head comparison in the prediction of demographics, personality, self-identity, and adjustment. *Journal of Personality and Social Psychology, 79*, 49-65.

Sampson, R. J., & Groves, W. B. (1989). Community structure and crime: Testing social disorganization theory*. American Journal of Sociology, 94*, 774-802.

Schwartz, S. H. (2006). Value orientations: Measurement, antecedents and consequences across nations. In R. Jowell, C. Roberts, R. Fitzgerald, & G. Eva (Eds.), Measuring attitudes cross-nationally - lessons from the European Social Survey. London: Sage.

Schwartz, S. J., Unger, J. B., Zamboanga, B. L., & Szapocznik, J. (2010). Rethinking the Concept of Acculturation: Implications for Theory and Research. *The American Psychologist*, *65*, 237–251. doi: 10.1037/a0019330

SEF (2014). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronterias.

Triandis, H. C. & Suh, E. M. (2002). Cultural Influences on Personality. *Annual Review of Psychology, 53*, 133-160.

**Anexos**

**Anexo A**

**Questionário**

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO | *INFORMED CONSENT***

O presente estudo faz parte integrante de um projeto de dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia das Relações Interculturais. Pretende investigar características de personalidade e como estas se expressam nas atitudes e interações sociais de indivíduos portugueses, brasileiros, ingleses e ucranianos residentes em Portugal.

Os participantes devem ter idade igual ou superior aos 18 anos. A participação é voluntária. O participante tem a possibilidade de negar a participação ou de se retirar do estudo, a qualquer momento, sempre que assim o entender.

Salientamos que **não há respostas certas** ou **erradas relativamente a qualquer das afirmações**, pretendendo-se apenas a sua resposta pessoal e sincera.

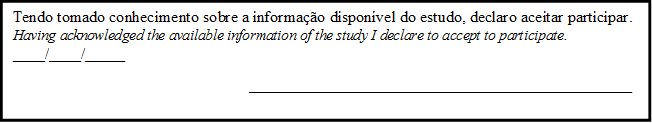
De acordo com as normas da Comissão de Proteção de Dados, os dados recolhidos são anónimos.

*The present study is part of a dissertation project within the Master in Psychology of Intercultural Relations. It intends to investigate personality traits and how these are expressed in attitudes and social interactions of Portuguese, Brazilian, English and Ukrainian individuals living in Portugal.*

*Participants must be aged, equal to or greater than, 18 years.*  *Participation is voluntary. The participant has the possibility to deny the participation or withdraw from the study at any time, whenever he/she sees fit.*

*We emphasize that there are no right or wrong answers for any of the statements. We intend only to get your personal and honest answer.*

*According to the rules of the Data Protection Commission, the data collected is anonymous.*

**

Laurence Marto (para mais informações contactar: ismos@iscte.pt)

Laurence Marto (para mais informações contactar: ismos@iscte.pt)

Laurence Marto (para mais informações contactar: ismos@iscte.pt)

Laurence Marto

(para mais informações contactar: marto.laurence@gmail.com)**INFORMAÇÕES GERAIS | *GENERAL INFORMATIONS***

Idade | *Age*:\_\_\_

Sexo | *Sex*:

Feminino | *Female*:\_\_\_ Masculino | *Male*:\_\_\_

Estado civil | *Marital status*:

Solteiro(a) | *Single:*\_\_\_ União de facto | *Consensual union*:\_\_\_

Casado(a) | *Married*:\_\_\_ Divorciado(a) | *Divorced*:\_\_\_

Viúvo(a) | *Widow (er)*:\_\_\_ Outro | *Other*:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Nível de escolaridade obtida | *Education level*:

Nenhum | *None*:\_\_\_ Ensino Básico| *Basic Education*: \_\_\_

Ensino Secundário | *High school* :\_\_\_

Ensino Superior| *College*: \_\_\_

Pós-Graduação/Mestrado/Doutoramento | *Post graduate/M.D./PhD.*:\_\_\_

Outro | *Other* :\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profissão | *Professional occupation* :\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

País de origem | *Country of origin:\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_*

Nacionalidade | *Nationality* :\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

País de origem do pai | *Country of the father’s origin* :\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

País de origem da mãe | *Country of the mother’s origin* :\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Nacionalidade do pai | *Nationality of the father* :\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Nacionalidade da mãe | *Nationality of the mother:*\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Há quantos anos reside em Portugal? | *How long do you live in Portugal*?\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

**EAI-30**

A presente escala apresenta afirmações relacionadas com características de personalidade. Por favor classifique cada uma das afirmações que se seguem de acordo com o que é aplicável a si, colocando um círculo em volta do número onde se posiciona a sua resposta.

*The following statements refer to personality characteristics. Please rate each of the following statements, by selecting the number that stands closer to your answer.*

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
|  | Discordo  *Disagree* | Discordo um pouco  *Disagree slightly* | Nem discordo nem concordo  *Neither disagree nor agree* | Concordo um pouco  *Agree slightly* | Concordo  *Agree* |
| 1.1) Tenho tendência a envolver-me demasiado nos sentimentos das outras pessoas.  *I have the tendency to involve myself in the feelings of others.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.2) Raramente me preocupo com os sentimentos e as experiências dos outros.  *I am rarely concerned with the feelings and experiences of others.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.3) Raramente me preocupo com a visão que os outros têm de mim.  *I am rarely concerned with what others view/think of me.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.4) Muitas vezes imagino o que pensarão os outros de mim.  *I usually imagine what others think of me.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.5) Facilmente ponho de parte os comentários dos outros.  *I easily ignore other people’s comments.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.6) Não suporto que as outras pessoas estejam zangadas comigo.  *I cannot stand the fact that other people are angry with me.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.7) Odeio o desapego.  *I hate when there is a lack of connection between people. / I hate detachment.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.8) Quando tomo decisões importantes acerca da minha vida, não tenho em conta os desejos e as opiniões dos outros.  *When it is time to make important decisions about my life, I do not take in consideration the wishes and opinions of others.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.9) Sinto uma grande necessidade de receber conselhos e orientações das outras pessoas.  *I feel a strong need in being counseled and guided by others.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.10) Se faço alguma coisa que aborrece as outras pessoas, facilmente ignoro esse pensamento.  *If I do something that bothers other people, I easily ignore that thought.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.11) Raramente costumo pedir conselhos a outras pessoas.  *I rarely ask for other people’s advice.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.12) Consigo facilmente desistir de coisas que pessoas que são importantes para mim querem que eu faça.  *I easily back out of things that people who are important to me want for me.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.13) Frequentemente anseio por amor e afeto.  *I often long for love and affection.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.14) Normalmente consigo afastar dos meus pensamentos a angústia das outras pessoas.  *I usually can put aside of my thought/mind another person’s anguish/misery.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.15) Só de imaginar ter de me despedir de uma pessoa que amo, sinto-me logo destroçado/a antecipadamente.  *Just to imagine saying goodbye/farewell to someone beloved, I feel heartbroken in advance.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.16) Se tenho as coisas à minha vontade contra a vontade dos outros, fico normalmente muito ansioso/a.  *When I have things on my own way against the way/will of others, I usually feel very anxious.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.17) As experiências das outras pessoas têm um forte impacto nos meus estados de espírito.  *The experiences of others cause/have a strong impact on my own moods.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.18) Sinto-me rapidamente à vontade em novas situações.  *I quickly feel comfortable in a new situation.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.19) Lido facilmente com um novo problema sozinho/a.  *It is easy for me to handle a new problem on my own.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.20) Preciso de muito tempo para me acostumar a um novo ambiente.  *I need/ It takes me a lot of time to get accustomed to a new situation.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.21) Sou uma pessoa muito aventureira.  *I am a very adventurous person.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.22) Se dependesse de mim, passaria a maior parte do tempo em ambientes familiares.  *If it was up to me, I would spend most of the time in familiar surroundings/settings.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.23) É-me difícil começar novas atividades sozinho/a.  *I find it difficult to start new activities on my own.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.24) Muitas vezes não sei qual é a minha opinião.  *I frequently do not know what my opinion is.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.25) Tenho opiniões fortes sobre a maioria dos assuntos.  *I have strong opinions on most matters/ subjects.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.26) Muitas vezes tenho dificuldade em saber o que eu realmente quero.  *I often struggle in determining what I really want.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.27) Normalmente, é muito fácil para mim saber o que gosto mais.  *I usually know what I like.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.28) Quando não concordo com alguém, deixo isso bem claro.  *When I disagree with someone, I make it very clear.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.29) Se me perguntam o que eu quero, a maior parte das vezes respondo de forma imediata.  *When someone asks me what I like, I answer almost immediately.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 1.30) Ouvir a opinião das outras pessoas muitas vezes faz-me mudar de ideias.  *I have the tendency of changing my mind when I hear other people’s opinions.* | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

**VIA**

Se é português nativo, por favor ignore este passo. Se nasceu no Brasil, no Reino Unido ou na Ucrânia e encontra-se a residir em Portugal, por favor, responda ao seguinte questionário.

Assinale **um** dos números à direita de cada pergunta de modo a indicar o seu grau de concordância ou discordância.

A maior parte destas perguntas referem-se à sua herança cultural, ou seja, a cultura onde nasceu.

A sua cultura de origem é: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

*If you are Portuguese, please skip this step. If you were born in Brazil, United Kingdom or Ukraine and are currently living in Portugal, p*lease*complete the*survey*below.*

*Circle* ***one*** *of the numbers to the right of each question to indicate your degree of agreement or disagreement.*

*Many of these questions will refer to your heritage culture, meaning, the culture where you were born.*

*Your heritage culture is: \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_*

|  |  |
| --- | --- |
|  | Discordo Concordo  *Disagree* *Agree* |
| 1.1) Por vezes participo nas tradições culturais do meu país.  *I often participate in my heritage cultural traditions.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.2) Por vezes participo nas tradições populares portuguesas.  *I often participate in mainstream Portuguese cultural traditions.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.3) Estaria disposto a casar com uma pessoa da minha cultura de origem.  *I would be willing to marry a person from my heritage culture.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.4) Estaria disposto a casar com um português nativo.  *I would be willing to marry a Portuguese person.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.5) Gosto de participar em eventos sociais com pessoas da minha cultura.  *I enjoy social activities with people from the same heritage culture as myself.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.6) Gosto de participar em eventos sociais com portugueses nativos.  *I enjoy social activities with typical Portuguese people.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.7) Sinto-me à vontade em interagir com pessoas da minha cultura.  *I am comfortable interacting with people of the same heritage culture as myself.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.8) Sinto-me à vontade em interagir com portugueses nativos.  *I am comfortable interacting with typical Portuguese people.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.9) Gosto das atividades culturais típicas (i.e. filmes, música) do meu país.  *I enjoy entertainment (e.g. movies, music) from my heritage culture.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.10) Gosto das atividades culturais tipicamente portuguesas (i.e. filmes, música).  *I enjoy Portuguese entertainment (e.g. movies, music).* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.11) Por vezes o meu comportamento é tipicamente do meu país.  *I often behave in ways that are typical of my heritage culture.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.12) Por vezes o meu comportamento é tipicamente português.  *I often behave in ways that are typically Portuguese.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.13) É importante para mim manter ou desenvolver práticas da minha cultura de origem.  *It is important for me to maintain or develop the practices of my heritage culture.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.14) É importante para mim manter ou desenvolver práticas da cultura portuguesa.  *It is important for me to maintain or develop Portuguese cultural practices.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.15) Acredito nos valores da minha cultura de origem.  *I believe in the values of my heritage culture.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.16) Acredito nos valores próprios portugueses.  *I believe in mainstream Portuguese values.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.17) Gosto das brincadeiras e do humor da minha cultura de origem.  *I enjoy the jokes and humor of my heritage culture.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.18) Gosto das brincadeiras e do humor português.  *I enjoy Portuguese jokes and humor.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.19) Estou interessado em fazer amigos da minha cultura de origem*.*  *I am interested in having friends from my heritage culture.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |
| 1.20) Estou interessado em fazer amigos portugueses.  *I am interested in having native Portuguese friends.* | 1 2 3 4 5 6 7 8 9 |

**OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!**

***THANK YOU FOR YOUR PARTICIPATION!***